

Ainda a propósito da *Cartinha* de 1502

Em comunicação ao Colóquio sobre o Livro Antigo, realizado em Maio de 1988, em Lisboa, comemorativo do 500º centenário da introdução da imprensa em Portugal¹ foi apresentada pela primeira vez uma espécie bibliográfica desconhecida até então por ter permanecido durante séculos servindo de pastas à encadernação de uma obra do século XVI². Estava-se perante umas folhas não dobradas daquilo que teria sido uma *Cartinha* muito anterior a todas as outras de que se tinha conhecimento, e talvez o primeiro intento deste género de livrinho que conheceu grande voga como “catecismo do fórmulas”, se assim nos podemos exprimir, e que ao mesmo tempo servia de base ao ensino das primeiras letras. Baseada em dados concretos, deu-se como assente que a *Cartinha* em questão teria sido publicada cerca de 1502 pelo impressor João Pedro Buonhomini de Cremona, em Lisboa.

Identificados os dados materiais desta pequena jóia bibliográfica, faltava revelar os textos que, tendo em conta a época a que remontam, se revestem de particular importância. São em número de sete e todos eles aparecem nas várias edições das *Cartinhas* de que hoje há notícia e cujos exemplares são extremamente raros não sendo de excluir a hipótese de que muitas outras edições se publicaram sem terem deixado rasto palpável. Com efeito, entre a data provável da *Cartinha* de aqui nos ocupamos — ca. 1502 — e as outras, que são nomeadas nas bibliografias e catálogos³, existe

¹ *Colóquio sobre o Livro Antigo*. Lisboa, 1988: Actas. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1992.

² ISABEL VILARES CEPEDA, *Uma “Cartinha” em língua portuguesa desconhecida dos bibliógrafos*, o.c., p. 79-92.

³ Anselmo 600 - Lisboa, Germão Galharde, 1534, (BPADE Res. 265 B); Lisboa: Germão Galharde, [15—], (BN RES. 3837 P.); Anselmo 601 - [Lisboa: Germão Galharde, 15—] (BPADE, Res. 300 B); Anselmo 602 - [Lisboa: Germão Galharde, 15—] (BPADE,

um hiato de cerca de 30 anos numa época em que sabemos ter havido envios massivos de *Cartinhas* para terras recentemente descobertas.

“Habent sua fata libelli” é expressão que se utiliza a propósito de variadíssimas circunstâncias. No caso vertente também a sua aplicação tem a sua razão de ser. Opúsculos de dimensões e de número de fólios reduzidos “por onde ensinam os meninos” eram espécies bibliográficas *condenadas* a serem usadas até à exaustão.

Mas voltemos aos textos:

Comparando o conteúdo da *Cartinha* de 1502 com o de uma das *Cartinhas* que saiu dos prelos de Germão Galharde por volta de 1530 — BN, RES. 3837 P. — (e que é bastante semelhante quer às que fazem parte do acervo da Biblioteca Pública de Évora quer, em certa medida, à de João de Barros⁴), verificamos o seguinte: a *Cartinha* que J. P. Buonhomini imprimiu teria apenas as fórmulas essenciais e de reduzido tamanho, para poderem integrar-se no formato escolhido o *in* 16°. Estamos pois, perante um primeiro intento de *Cartinha* que, com os anos, se foi desenvolvendo: acrescentando-se fórmulas de extensão semelhante ou maior, pequenos tratados e ainda os rudimentos da língua, que conhecem também desenvolvimentos conforme as edições (e seus editores).

Os textos que, nas duas folhas não dobradas, chegaram até nós, são os seguintes:

Pai Nosso; Avé Maria; Salvé Rainha; Dez Mandamentos; Sete obras de misericórdia (espirituais); Oração à Hóstia e Oração ao Cálice.

Apresenta-se a sua leitura em transcrição muito próxima do original com desdobramento das abreviaturas (em itálico) e mantendo as maiúsculas e minúsculas bem como a pontuação.

Quando se justifique tecem-se algumas breves considerações que realcem o valor do “documento”.

Pai Nosso

Padre nosso *que* es nos ceos sanctificado seja o teu nome. Venha a nos o teu regno. Seja feyta a tua voõtade e[m] a terra assi como he no ceo.

Res. 300 C); Anselmo 269 - [Coimbra: João de Barreira ou João Álvares, 15—], (BPADE, Res. 300 A).

⁴ *Grammatica da lingua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja* / [João de Barros]. Lisboa: Luís Rodrigues, 1939. Esta *Gramática* foi publicada por Maria Leonor Buescu em ed. fac-similada: Lisboa, Faculdade de Letras, 1971.

Ho pam nosso de cada huum dia nos da oje eneste dia. E perdoa a nos has nossas diuidas e pecados: assi como nos perdoamos aos nossos deuidores. E non nos deyxes cayr em temptaçom. Mais liura nos de todo mal. Amen.

Não admira que nas *Cartinhas*, que vimos citando, seja o *Pai Nosso* a fórmula-oração que aparece em primeiro lugar. Foi ensinada pelo próprio Cristo (Mt 6,9-13) e os primeiros cristãos a tomaram como a oração por excelência de tal modo que na *Didakê* se transcreve na íntegra e se preconiza a sua recitação “três vezes por dia” (8, 3)⁵ e que Tertuliano a considera a “oração fundamental” afirmando que dentro das diversas orações que se dirigem ao Céu se deve começar “sempre pela oração do Senhor”⁶.

Alguns testemunhos anteriores ao que apresentamos existem em língua portuguesa com ligeiras variantes quer textuais quer gramaticais. Estamos-nos a referir ao *texto* com glosa que nos transmitiram o *Livro da Virtuosa Benfeitoria* de ca. 1429⁷, no Livro III, cap. VIII; um *Catecismo* incluído no início do códice alcobacense 211 da BN de Lisboa, da primeira metade do século XV⁸, a tradução da *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia, copiada no Mosteiro de Alcobaça em 1445 — cod. alcobacense 451 da BN de Lisboa, f. Cxxix a Cxxxj; e a edição que esta obra teve (Lisboa, 1495, I parte).

Em todos eles, como já foi salientado por Luís F. Lindley Cintra⁹, o tratamento de *tu* no relacionamento com Deus é uma constante, contrastando com o *vós* utilizado na poesia trovadoresca. O *tu* vai manter-se até meados do século XVI começando então as oscilações até que a forma *vós* se estabiliza perdurando ainda nos nossos dias.

Uma originalidade a salientar no “nosso” texto é o reforço da tradução de *debita* por *diuidas e pecados* quando os testemunhos anteriores ou um pouco posteriores se limitam à palavra *dividas*. A mesma tendência para explicitação estará subjacente à introdução de *todo* antes de *mal*.

⁵ *Catecismo da Igreja Católica*, 2267.

⁶ *Ibidem*, 2761.

⁷ Cfr., a recente edição crítica de ADELINO A. CALADO. Coimbra, 1994, p. xxxvi.

⁸ Editado por FR. FORTUNATO DE SÃO BOAVENTURA, *Collecção de Inéditos Portuguezes dos séculos XIV e XV*. Coimbra, 1928, p. 129-153.

⁹ LUÍS F. LINDLEY CINTRA - “Tu” e “Vós” como formas de tratamento de Deus em orações e na poesia em língua portuguesa, In: *Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972, p. 75-122.

Avé Maria

Deos te salve Maria *comprida* de gracia o Senhor he contigo. Beenta es tu antre as molheres. E beento o fructo do teu ventre. Jesu. O spiritu sancto vijnra sobre ty e a virtude do muy alto te asumbrara. Ex a serua do senhor seja feyto em my segundo tua palaura. Sancta maria madre de Deos ora por nos pecadores. Amen.

A prática de invocar Maria numa prece em que alternam dois movimentos — o de saudação e louvor, e o de impetração — estão bem patentes nesta oração que se foi estruturando ao longo dos tempos.

A fórmula, que no séc. XV e primeira metade do século XVI era já corrente, iniciava-se com a saudação do arcanjo Gabriel à Virgem Maria (Lc 1,28) e a de sua prima Isabel (Lc 1,42). É no século XIII que a primeira parte conhece maior difusão particularmente devido à influência dos cistercienses e mais tarde à dos dominicanos com a divulgação do Rosário. A segunda parte, de petição, mais tardia, que terá começado a acrescentar-se por volta do século XIV, só atingiu a forma actual bem mais tarde.

O que importa aqui salientar é que o texto que aparece quer no *Cathecismo pequeno*¹⁰ quer nas *Cartinhas* conhecidas do século XVI se afasta, na sua primeira parte, da fórmula que sobreviveu no testemunho que vimos estudando. Analisemos as diferenças.

Cathecismo pequeno
Cartinhas de ca. 1530

Ave Maria
chea de graça
benta [es] tu em as molheres

Cartinha de ca. 1502

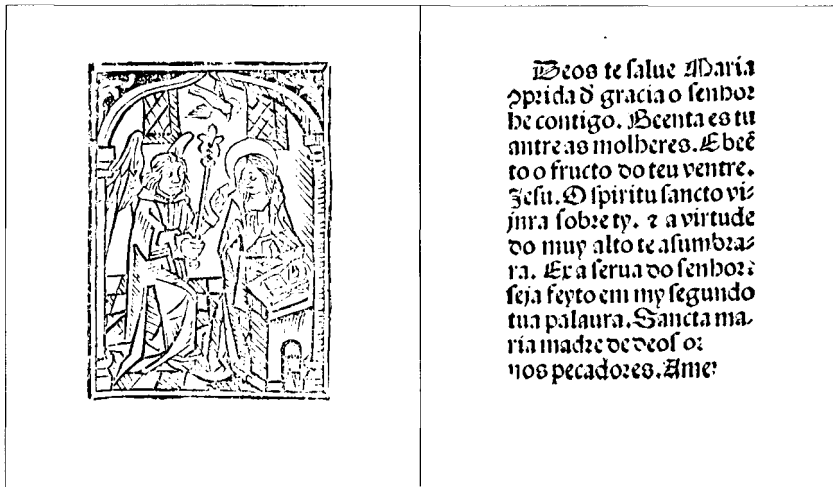
Deos te salve Maria
comprida de gracia
Beenta es tu antre as
molheres

Se até aqui as diferenças são de tradução, o que distingue de sobremaneira o texto de ca. 1502 dos outros testemunhos a que nos vimos referindo e dos outros de que temos conhecimento, é a inclusão da versão de mais dois versículos relativos à Anunciação, mais precisamente: Lc 1,35 e 38. Porquê este acrescento? Apenas uma questão formal a fim de que a mancha de texto desta página não ficasse reduzida a oito escassas linhas? Ou não haverá lugar para falar de acrescento mas apenas de uma forma mais

¹⁰*Cathecismo pequeno da doutrina e instruiçam...* copilado pollo... DOM DIOGUO ORTIZ. Lisboa: Valentim Fernandes; João Pedro Buonhomini de Cremona, 1504.

longa, cujo texto ainda não fixado de todo, desejaria transmitir o diálogo entre o Anjo e Maria onde está plasmado o mistério da Encarnação?

Da segunda parte, apenas há a dizer que o texto de 1502 coincide com os outros testemunhos e que se fica pela petição “ora (ou roga) por nos pecadores. Amen”.



Cartinha - Gravura e texto da Avé-Maria

Salvé Rainha

Deus te salve o raynha(*) clemente doce e poderosa: madre de misericordia: deos te(**) salve nossa vida: duçura e esperança nos filhos de eua desterrados em este valle de lachrimas gemendo e chorãdo. A ti sospiramos e bradamos o seõnora nossa aduogada: cõ os nossos gemidos e prezes teus olhos de misericordia te apraz olhar. E ho bento fructo do teu ventre Jesu depois deste desterro nos queyras demostrar.

(*) raynha] rayhna no original

(**) te] ta no original

A bibliografia sobre a origem desta antífona, que, no decurso dos tempos, se difundiu grandemente na liturgia e no seio do povo cristão, é vasta. As conjecturas sobre a sua autoria são diversas mas nenhuma das

opiniões congrega o consenso geral. Já quanto à datação é presumível que terá sido no século XII que surgiu esta oração de louvor e de petição confiada a Nossa Senhora; no entanto as variantes são muitas e só com a invenção da imprensa o texto se foi fixando.

Em versão portuguesa são de referir, em primeiro lugar, os testemunhos mais antigos: o que vem num livro de horas em português datável dos finais do século XV — o *Iluminado* n.º 4 da BN¹¹ — e o texto da *Cartinha* de ca. 1502.

Estas versões são bem diferentes entre si, mas igualmente se afastam da do *Catecismo pequeno* de D. Diogo Ortiz. O texto que nos é transmitido pelas *Cartinhas* posteriores anónimas e também pela de João de Barros, por seu lado, é muito semelhante ao do *Catecismo pequeno*. Pode concluir-se que até finais do século XV – princípios do século XVI, a tradução desta antifona era livre, por assim dizer, e que foi a autoridade de D. Diogo Ortiz que no seu *Catecismo impresso* fixou o texto.

Mandamentos da lei de Deus

Os dez mandamentos

Ho primeiro he amar a deos sobre todallas cousas. O.ij. hé non juraras seu nomen *em* vaão. O.iiij. guardaras os domigos e festas. O.iiij. he honraras teu padre e madre. O quinto non mataras. O sexto nõ fornicaras. O septimo non furtaras. O octavo nõ diras falso testemunho. O ix. nõ desejaras a mulher do teu proximo. O x. nõ cobiçaras cosa *alhea*(*).

(*) *alhea*] *aleaa no original*

Numa *Cartinha* mesmo com um reduzido número de fórmulas, como é o casodesta, os mandamentos não deveriam faltar. Fazem parte da Aliança selada por Deus com o seu povo e é dentro dela que os mandamentos recebem o seu pleno significado. Nos textos do Êxodo e do Deuterónimo, a forma de aliança e diálogo entre Deus e os homens são comprovados pelo facto de os preceitos serem enunciados na primeira pessoa, dirigidos a alguém de concreto (Cfr. *Catecismo da Igreja Católica* 2060-2063).

Ora esta forma de diálogo prevalece ainda na formulação dos testemunhos mais antigos em língua portuguesa: o catecismo que o códice

¹¹ Foi editado em dissertação para obtenção do grau de mestre na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL, por CLÁUDIA SOUSA PEREIRA, Lisboa, 1993, sob o título: *Um livro de horas esquecido: ed. do Iluminado n.º 4 da Biblioteca Nacional*.

alcobacense 211 nos transmitiu, a Cartinha de 1502, o *Catecismo pequeno* e todas as outras cartinhas do séc. XVI que temos vindo a citar.

As divergências entre os diversos textos são de índole vária e neste particular não é tão claro que o *Catecismo pequeno* de D. Diogo Ortiz tenha servido de paradigma às Cartinhas subsequentes. Quanto ao texto que apresentamos gostaria de salientar, quanto ao 1º mandamento — amar a Deus sobre todas as coisas — que ele só terá paralelo na *Cartinha* de João de Barros, contra *adorarás* no catecismo do século XV, e *honrarás* do *Catecismo* de D. Diogo e das outras *Cartinhas* quinhentistas.

Outras variantes mereceriam o seu comentário — a ordem entre o nono e o décimo mandamentos, a formulação nomeadamente do terceiro e do sexto, etc.

Se bem que os Mandamentos da Igreja apareçam nas cartinhas quinhentistas logo a seguir aos da lei de Deus, e com uma formulação bem próxima daquela que se fixou nesse século e que é a que perdura, os catecismos ou cartinhas mais antigos — o catecismo do século XV, o de D. Diogo Ortiz e a *Cartinha* de 1502 — omitem-nos.

Com efeito, se o Concílio de Trento recomenda a obediência ao preceitos da Igreja, o *Catecismo Romano* (1566), publicado por ordem do mesmo Concílio, não os inclui no seu articulado.

Sete Obras de Misericórdia espirituais

As sete obras de misericórdia

Ensinar os simplizes e non insinados. Dar bõo cõselho a que[m](*) o pede e tem mester. Castigar a quem ha mester castigo. Consoar ao triste e desconsado. Perdoar a quem tem errado. Soportar as enjurias com paciencia. Rogar a deos pollos viuos: *que deos os liure* dos pecados e males: e por os mortos que *deos os liure* das penas e leue aa sua gloria. Amen.

(*) que[m] que *no original*

A misericórdia constitui um dos actos internos da virtude da caridade, e manifesta-se mediante a beneficência, um dos actos externos da própria caridade. As manifestações da beneficência coincidem com as chamadas obras de misericórdia. Embora o número destas obras que se podem praticar em favor do próximo seja difícil de enumerar, uma antiga tradição, anterior a S. Tomás de Aquino, tipificou catorze: sete corporais e sete espirituais.

Na *Cartinha* de ca. 1502 só nos foram transmitidas as espirituais sem as especificar. No entanto, todos os testemunhos portugueses anteriores e

posteriores enunciam tanto umas como as outras, com maior ou menor desenvolvimento.

O texto que se transcreve aproxima-se, neste caso, das cartinhas quinhentistas, sendo quase igual ao do exemplar da Biblioteca Nacional (RES. 3837 P.), divergindo apenas em questões de linguagem, que demonstram que, em cerca de 30 anos, algumas transformações se operaram (*boõ-bõ; consoar, desconsoados-consolar, desconsolados; a-aa*). A formulação é, por assim dizer, explicativa de que é um bom exemplo o último *item*: “Rogar a Deus pelos vivos e defuntos”.

De referir, de passagem, um pequeno pormenor de ordem formal: a maior incidência de abreviaturas, quase inexistentes nas outras orações e fórmulas, devido à maior extensão do texto a incluir numa mancha tipográfica reduzida.

Oração aa hostia

Adoramos te señor jesu *Christo* e bendizemos te que polla sancta cruz remiste o mundo desataste señor as minhas cadeas: a ti sacrificarey em hostia de louuor e ao teu nome chamarey. Rogote señor que me perdoões os meus pecados. Amen.

Oraçõ ao calez dizenda

Adorote sangue de nosso señor jesu *Christo* e calez de nouo testamento o qual foy derramado por humanal linhagem. Rogo te señor que te apraz[a](*) de te amercear da minha alma.

Amen. A deos gracias.

(*) apraz[a] apraz *no original*

Estamos perante duas orações que a piedade eucarística introduziu nas cartinhas e nalgum ou outro livro de horas¹². A “oração à hóstia” inicia-se com um acto de adoração, na primeira pessoa do plural em contraste com o “tu” do texto que se segue e do das outras orações. É uma invocação que ainda está viva na Igreja, v.g. no início de cada estação da Via-Sacra. Após os actos de adoração, em que está patente o essencial do mistério da Redenção, os textos terminam com petições contritas.

¹² No caso dos livros de horas, estas orações vêm integradas na Missa de Santa Maria, acrescentada por vezes aos ofícios que constituem estes sim, o seu núcleo fundamental.

Se o texto é em tudo muito semelhante ao das cartinhas de ca. 1530, o mesmo não acontece com o livro de horas em língua portuguesa dos finais do século XV em que as diferenças são de vulto.

A expressão “A deos gracias”, que vem no final da *Oração ao cálice*, faz pensar que aí terminava efectivamente a pequena *Cartinha*.

A singeleza e dignidade dos textos aliada às pequenas gravuras que os acompanham, igualmente simples e sóbrias, fazem deste opúsculo um testemunho da piedade cristã de inestimável valor.

ISABEL VILARES CEPEDA